

REGÊNCIA DO VERBO “ASSISTIR” NO SENTIDO DE “VER”, “PRESENCIAR”: norma e uso em confronto

Cirlene Pereira dos Reis Almeida¹

RESUMO

Este estudo verifica e compara as divergências referentes à gramática tradicional e à gramática descritiva, buscando mostrar essas duas concepções de estudos da língua. Conceitua regência verbal, tomando-se como pressuposto definições mais convencionais, bem como outras mais voltadas para o campo da linguística. Discorre acerca de algumas especificidades de verbo “assistir,” no sentido de “ver,,,” “presenciar, confrontando aspectos relacionados ao seu uso, tanto no que se refere à fala quanto à escrita. No que se refere à obtenção de dados do primeiro aspecto, utiliza-se de entrevistas; para o segundo, a produção de textos. Aponta como principais resultados: a) Dos grupos pesquisados, uma minoria faz uso da preposição, tanto no que diz respeito à oralidade quanto à escrita; b) É preciso haver um processo de relativização entre essas duas visões; e) Os professores de língua portuguesa devem ater-se a esse fato, de maneira a buscarem subsídios diversos que mostrem a língua em todas as suas especificidades.

Palavras-chave: gramática tradicional; gramática descritiva; verbo assistir.

ABSTRACT

This study examines and compares the divergences between traditional grammar and descriptive grammar, aiming to showcase these two language study approaches. It defines verbal government, considering both conventional definitions and those more linguistically oriented. The discussion focuses on specific aspects of the verb “assistir” (to watch, to attend), comparing its usage in spoken and written language. Data collection involves interviews for the first aspect and text production for the second. The main findings are as follows: a) Among the surveyed groups, only a minority use the preposition with the verb, both in oral and written contexts; b) A process of relativization between these two perspectives is necessary; c) Portuguese language teachers should consider these facts and seek diverse resources that highlight the language’s specificities.

Keywords: traditional grammar; descriptive grammar; verb to attend

INTRODUÇÃO

“Palavra puxa palavra, uma ideia traz a outra, e assiste se faz um livro, um governo, ou uma

¹ Mestre em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ, Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/GO. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5384051819016083>

revolução; alguns dizem mesmo que assim é que a natureza compôs as suas espécies."

Machado de Assis

Quando se fala em estudo da língua portuguesa, imediatamente, pensamos numa infinidade de regras, tanto no que se refere à fala quanto à escrita, porém o seu estudo não se restringe somente a esses princípios. A língua engloba muito mais que o ato de falar e escrever corretamente.

É nesse contexto que surge este trabalho. Objetiva mostrar a concepção tradicional de ensino de língua, bem como visões menos preconceituosas, defendidas pelos linguistas, dando especial ênfase à regência do verbo "assistir" no sentido do "ver", "presenciar". Para tanto, fez-se um levantamento bibliográfico dos principais autores das correntes em questão: Bechara (2017), Cunha e Cintra (2017), Cegalla (2020), Rocha Lima (2001), Pasquale Cipro Neto (2004), Bagno (2015), Perini (2000, 2003), Luft (1993), Travaglia (2001), Ilary (1985), Miotto *et al* (2004), Travaglia (2016) e, ainda, uma pesquisa de campo

O trabalho constitui-se de três partes. A primeira delas destaca, por meio da apresentação da visão de alguns estudiosos da língua materna, as divergências referentes à gramática tradicional e à gramática descritiva, bem como faz um paralelo entre essas duas visões a fim de conhecê-las melhor e não se posicionar radicalmente em relação a nenhuma delas.

A segunda parte objetiva, além de apresentar o conceito de regência verbal na visão de autores mais convencionais e autores mais voltados para o campo da linguística, discorrer sobre algumas das especificidades apresentadas na regência do verbo "assistir" no sentido de "ver", "presenciar".

A última parte apresenta os resultados obtidos na pesquisa sociolinguística realizada junto a alunos e professores do Colégio Santo Antônio, em Cidade Ocidental, a respeito da forma como utilizam o verbo "assistir" no sentido de "estar presente", tanto na modalidade referente à fala quanto à escrita, considerando-se as seguintes variáveis: sexo, idade e grau de escolaridade. Em seguida, partindo dos pressupostos de autores que embasam este trabalho, são apresentadas algumas considerações sobre o professor e o ensino da língua materna nas escolas brasileiras.

1 GRAMÁTICA OU DRAMÁTICA

Este tópico apresenta um pequeno panorama a respeito da gramática normativa e gramática descritiva, apresentando a visão de gramáticos mais tradicionais, bem como de linguistas para, a seguir, pensarmos sobre como conceber e tentar aliar essas duas concepções, já que ambas possuem sua relevância e importância.

1.1 Da Gramática Normativa

O ensino de língua materna no Brasil vem-se constituindo, cada vez mais, em objeto de debates e discussões. Quando se fala em gramática da língua portuguesa, entram em cena ideias divergentes que acabam por criar uma série de dúvidas, verdades e inverdades acerca desse instrumento tão necessário ao homem. De um lado, a gramática tradicional que, arraigada a uma concepção de língua, ainda, proveniente da linguagem literária, busca estabelecer normas e regras aos seus falantes. Os adeptos dessa corrente acreditam ser a língua algo possível de ser reproduzida e controlada através de regras pré-estabelecidas.

Napoleão Mendes de Almeida *apud* Bagno (1999, p.79), discorrendo em defesa da gramática tradicional, faz a seguinte afirmativa:

Os delinqüentes da língua Portuguesa fazem do princípio histórico "quem faz a língua é o povo" verdadeiro mote para justificar o desprezo de seu estudo, de sua gramática, de seu vocabulário, esquecidos de que a falta de escola é que ocasiona a transformação, a deterioração, o apodrecimento de uma língua. Cozinheiras, babás, engraxates, trombadinhas, vagabundos, criminosos é que devem figurar, segundo esses derrotistas, como verdadeiros mestres de nossa sintaxe e legítimos defensores do nosso vocabulário.

Além de Almeida, outros estudiosos também defendem a gramática normativa. Pasquale Cipro Neto (2019), em entrevista à revista *Veja* assevera que, grande parte do povo brasileiro é mantida distante da sintaxe dominante para ser mais facilmente manobrado. Para o autor, a massa popular precisa ter acesso e aprender realmente à sintaxe dominante, já que é por meio dela que são redigidos os contratos e as leis, o que constitui um exemplo de que língua é poder. Sobre isso afirma:

Há duas causas visíveis. Com o depauperamento geral da educação, o ensino da língua portuguesa acabou confiada a professores despreparados para a tarefa. Os brasileiros também leem pouco, o que resulta numa tremenda limitação de vocabulário. Existe, ainda, um motivo invisível para o estado trágico em que se encontra o português no Brasil: a má intenção. Uma grande parcela da população é mantida na ignorância, com o propósito de distanciá-la da sintaxe dominante. E é na sintaxe dominante que são redigidos os contratos e as leis, um exemplo cabal de que língua é poder. Sem ter acesso a ela, o povo é facilmente manobrado.²

Bechara (2017) defende a gramática tradicional, porém, afirma respeitar o arcabouço teórico dos linguistas, ressaltando que a postura adotada em sua obra é resultado da convicção de que esta ciência pode oferecer “elementos de efetiva operacionalização para uma proposta de reformulação da teoria gramatical [...] que alia a preocupação de uma visão sincrônica a uma visão sadia da gramática normativa” (p.20).

Cegalla (2020), no prefácio de sua “Novíssima Gramática do Português”, conceitua gramática não como um fim, mas uma forma para disciplinar a linguagem e atingir o padrão ideal de expressão oral e escrita. Afirma ainda que quem critica a gramática, critica também os compêndios de boas maneiras justamente porque ditam normas de educação que toda pessoa civilizada deve ter.

Outro exemplo da visão tradicional da gramática diz respeito a Cunha e Cintra (2017, p.14). Esses autores, já no prefácio da obra *Nova Gramática do Português contemporâneo* afirmam que uma das características do livro seria “a tentativa de descrição do português atual na sua forma culta” e ainda completam o texto com a seguinte assertiva:

Como esta gramática pretende mostrar a superior unidade da língua portuguesa dentro da sua natural diversidade, particularmente do ponto de vista diatópico, uma acurada atenção se deu às diferenças no uso entre as modalidades nacionais e regionais do idioma, sobretudo às que se observam entre a variedade nacional europeia e a americana.

Seria possível considerar a língua apenas em sua norma culta? Sabe-se que o Brasil possui o português como idioma oficial e que há normas para o seu uso, mas a realidade do povo está distante daquilo que é prescrito e daquilo que verdadeiramente

² SABINO, Mário. **Entrevista:** Língua enrolada- Revista Veja e Pasquale. Disponível em: <https://armazemdetexto.blogspot.com/2019/01/entrevistalingua-enrolada-revista-veja.html>. Acesso em: 19 de maio de 2024.

ocorre.

1.2 Da Gramática Descritiva

Se de um lado tem-se a gramática normativa, do outro, tem-se a gramática descritiva. Essa última busca não prescrever regras, mas sim investigar e observar como ocorre a organização e funcionamento das línguas, considerando-se o contexto em que são produzidas e também utilizadas. Vários linguistas defendem essa concepção de estudo da língua, afinal ela não é algo inerte que pode ser colocado em uma fôrma e esquecida. Assim como o tempo muda, as pessoas mudam a língua também muda e, como tal, merece adequar-se à época em que é produzida .

Luft (1993), no que se refere ao estudo de gramática afirma não ser contra à verdadeira gramática, mas sim à forma como se ensina a língua materna. É preocupante para o autor, as noções falsas tanto a respeito da língua quanto da gramática. Segundo discorre, há uma visão errônea de que ensinar uma língua é ensinar a escrever certo. Isto já denota uma postura opressora em relação ao assunto. O autor enfatiza a concepção do linguista Chomsky, a qual afirma que o ser humano possui consigo uma gramática implícita denominada de gramática natural. Para Chomsky (1993), a gramática se define não como um conjunto de regras para falar e escrever bem, mas:

Sistema finito de regras que gera frases infinitas - nada mais e nada menos que todas as frases bem-formadas da língua -, provê as respectivas descrições estruturais, bem como as relações entre som (representação fonética) e significado (interpretação semântica) (Chomsky, *apud* Miotto; Silva; Lopes, 2004, p. 34).

Para o teórico, as regras que formam o sistema linguístico não podem ser vistas como um aglomerado assistemático. Segundo discorre, a gramática é inseparável da linguagem, sendo, desta forma, algo vivo e, por isso, maleável. Sendo assim, não deve tender apenas à fixação e inflexibilidade, deve registrar, além da variabilidade das línguas, as tendências evolutivas das regras gramaticais. O estudioso afirma categoricamente que “só línguas mortas são retratáveis num *corpus* fechado de regras”(p.32)

Bagno (2015) refuta severamente a maneira como a gramática tradicional a

concebe, tanto que já escreveu diversas obras, tentando mostrar a visão discriminatória dessa concepção. Em seu livro *Preconceito linguístico*, deixa claro que há uma séria confusão entre língua e gramática normativa. Para o autor, "assim como uma receita de bolo não é um bolo [...] um mapa-múndi não é o mundo [...] também a gramática não é a língua"(p. 12). Buscando definir língua afirma o seguinte:

A língua é um enorme *iceberg* flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma culta. Essa descrição, é claro, tem seu valor e seus méritos, mas é parcial (no sentido literal e figurado do termo) e não pode ser autoritariamente aplicada a todo o resto da língua - afinal, a ponta do iceberg que emerge representa apenas um quinto do seu volume total. Mas é essa aplicação autoritária, intolerante e repressiva que impera na ideologia geradora do preconceito linguístico (Bagno, 2015, p. 9 e10).

Além de tais assertivas, o linguista cita ainda trechos dos Parâmetros Curriculares Nacionais, publicados pelo Ministério da Educação no ano de 1988, referindo-se à língua-mãe. De acordo com Bagno, nesse documento já se reconhece a diversidade linguística existente no país, o que já denota um grande passo rumo a um ensino mais flexível e menos preconceituoso.

Perini (2003), tecendo comentários sobre os objetivos do ensino de gramática tradicional na atualidade, afirma que são ineficientes, já que a maioria das pessoas que completa o segundo grau não consegue assimilá-la verdadeiramente. O autor sugere mudanças na concepção de ensino de gramática, no sentido apenas de se aprender a ler e a escrever e reforça a importância de se lembrar sempre que a gramática "é ou deveria ser uma aplicação da linguística" pois esta é a ciência social que mais se desenvolveu nos últimos anos (p.92). Além dos objetivos citados, Perini salienta que o estudo dessa disciplina deve criar no aluno a independência de pensamento, caso contrário o seu estudo de nada adiantará.

1.3 Como Pensar as Duas Gramáticas?

De acordo com Ilari (1985), a gramática tradicional, desde a segunda metade do século XX, vem passando por uma série de críticas que a enfraqueceu abrindo, assim, novos caminhos para o fortalecimento e aplicação de algumas teorias bastante consideráveis no que se refere ao processo de construção linguística.

Ainda afirma que essas formas de se conceber a língua materna, acabaram por despertar nos linguistas brasileiros uma empolgação precipitada e talvez até imatura. Muitos deles, embasados no pensamento de grandes teóricos da língua como Saussure, Chomsky, Jakobson e outros, passaram a acreditar que poderiam, sem grandes dificuldades, trabalhar questões referentes ao ensino da língua de uma outra maneira, diferentemente, daquela utilizada pela gramática normativa.

Em meio a essa euforia de inovação e, no desejo instigante de confrontar os princípios norteadores da gramática tradicional com aquela ciência precocemente desenvolvida no país, os linguistas e, conseqüentemente, a linguística acabaram por construir algo superficial. Toda essa problemática trouxe para o contexto atual uma diversidade de questionamentos e incertezas relevantes acerca do assunto. A linguística do Brasil, mesmo sendo delineada no pensamento de respeitosos pesquisadores, tem ido ao encontro das necessidades da comunidade em questão? Esta ciência tem oferecido subsídios necessários para que o processo ensino-aprendizagem da língua materna possa levar em conta a historicidade do sujeito? Será que a linguística pode caminhar lado a lado com a gramática tradicional?

Sendo uma ciência ainda nova no Brasil, já que só passou a ter uma maior representatividade a partir dos anos 60, absorveu, de acordo com o autor, muito rapidamente, e de forma talvez distorcida, métodos e questões teóricas originárias de centros de pesquisas estrangeiros, o que acarretou um certo desequilíbrio em sua estrutura. Sendo o conhecimento cumulativo, torna-se praticamente impossível abarcá-lo em todas as suas nuances em tão curto espaço de tempo.

Apesar dos problemas mencionados acima, Ilari não defende a gramática normativa nem desconsidera a importância e necessidade da descritiva. O autor reconhece as ideias e contribuições trazidas pela linguística no que se refere ao ensino da língua materna, já que depois que ela adquiriu maior respeitabilidade, mesmo não havendo adesão por parte de muitos professores ou gramáticos, passou-se a valorizar outros aspectos, antes esquecidos.

Na verdade, o que Ilari quer é uma maior reflexão sobre o assunto para que as mudanças possam realmente ocorrer. Nada feito de modo precipitado consegue resultados positivos, tanto que, ainda que algumas mudanças tenham sido observadas, o estudo da língua materna continua vinculado aos princípios da gramática tradicional, é a norma culta que está prevalecendo. É ela que continua

sendo ensinada e cobrada em escolas e universidades de todo o país.

E nesse confronto entre norma e uso, vão surgindo os questionamentos, dúvidas e inseguranças nas formas de se conceber e ensinar gramática. No que diz respeito à Regência de alguns verbos, a problemática não poderia ser maior. Constantemente, percebe-se um grande distanciamento entre o que rege a gramática normativa e a língua em uso.

2 UM CASO DE NORMA, UM CASO DE USO

De acordo com Cunha (1986), o vocábulo “regência” tem sua origem em “reger”, que significa “administrar”, “governar”, “dirigir”. Segundo Luft (1999), quanto à Gramática, o termo pode ser empregado tanto em sentido amplo quanto em sentido restrito. No primeiro, equivale à subordinação em geral, como, por exemplo, o adjetivo, chamado de termo regido, subordina-se ao substantivo, denominado de termo regente.

Em sentido mais delimitado e mais usual, Luft (1999.) propõe a definição de regência como "a subordinação especial de complementos às palavras que os prevêm na sua significação." Completa ainda que regência, ainda em sentido restrito, "é a necessidade ou desnecessidade de complementação implicada pela significação de nomes (substantivos, adjetivos, advérbios) e verbos."

Em Cunha (2017), a regência verbal diz respeito à relação necessária que se estabelece entre duas palavras das quais uma sempre servirá de complemento a outra. Para o autor, a palavra subordinada a outra recebe o nome de regido, e o termo ao qual a palavra se subordina recebe o nome de regente. Conforme discorre o gramático, as relações de regência podem ser indicadas conforme os seguintes itens: a) pela ordem por que se dispõem os termos na oração; b) pelas preposições, cuja função é justamente a de ligar palavras estabelecendo entre elas um nexo de dependência; c) pelas conjunções subordinativas, quando se trata de um período composto.

Em Cipro Pasquale Neto (2003, p. 497), a regência verbal “se ocupa do estudo da relação que se estabelece entre os verbos e os termos que os complementam (objetos diretos e objetos indiretos) ou caracterizam (adjuntos adverbiais)”. O gramático defende que um dos principais objetivos do estudo desse conteúdo é

estabelecer as diferenças existentes entre a norma culta e a coloquial. O autor chama a atenção para o fato de que a mudança de significado pode trazer diferenças entre um mesmo verbo e seu complemento. Após estas explicações, diz que, quando se estuda regência verbal, devem-se agrupar os verbos conforme a sua transitividade e que esta não é um fator absoluto, pois um mesmo verbo pode aparecer de diferentes formas em frases diferentes.

Em Perini (2016), não há grandes estudos sobre regência verbal. O próprio autor confirma que este é um dos pontos que ainda não foram analisados de forma mais abrangente em sua obra

1.2 Regência do Verbo "Assistir" No Sentido de "Ver", "Presenciar": Norma E Uso em Confronto

É uma constante na modernidade problemas relacionados à padronização gramatical e à língua em uso. São várias as divergências entre o que é tido como regra e o que ocorre de verdade nas comunidades de fala. Luft (1999, p.20), em *Língua e Liberdade*, fazendo referência ao assunto, ressalta:

Importa comunicar, e para isso há que dominar, o mais automaticamente possível, o sistema de regras do meio de comunicação. Isso nada tem a ver com a Gramática confundida com listas de regras normativamente impostas ao aluno, num método que ignora variantes idiomáticas, ajustes às circunstâncias da comunicação, etc.

No que diz respeito à regência do verbo "assistir" no sentido de "ver", "presenciar", foco de pesquisa deste trabalho, é concebido pelos gramáticos tradicionais como transitivo indireto. Conforme Rocha Lima (2001), esse verbo possui várias acepções, algumas das quais já caíram em desuso. Porém, são vivas algumas construções, como exemplo, menciona o verbo assistir no sentido de "ver", "presenciar". Para comprovar sua afirmativa, cita frases de alguns autores da literatura brasileira, entre eles, Olavo Bilac: "(...) E a natureza assiste, / Na mesma solidão e na mesma hora triste, / À agonia do herói e à agonia da tarde".

Dando continuidade às explicações, ainda afirma que se o complemento do verbo for pronome pessoal, não se deve utilizar a forma *lhe* (s), mas sim *a ele* (s), *a ela* (s). Como exemplo, cita o fragmento de um texto de Cyro do Anjos:

"Aparentemente, apenas a aborrecia perder a missa dos domingos, sendo-lhe penoso vir da roça toda semana para *assistir a ela* (...)".

Cunha (2017), a respeito do verbo "assistir" no sentido mencionado, afirma que a tradição gramatical ensina que este verbo, no sentido de "estar presente", é classificado como transitivo indireto, tendo, portanto, o seu objeto indireto acompanhado pela preposição a, e, se for expresso por pronome de 3ª pessoa, exigirá a forma a ele (s) ou a ela (s). Como exemplo, cita uma frase de A. F. Schmidt: "*Assisti a algumas touradas!*".

É importante ressaltar que o autor faz uma referência ao uso deste verbo na linguagem coloquial brasileira. Segundo Cunha, o verbo assistir, na norma não-padrão, ocorre geralmente como transitivo direto, e que muitos escritores modernos têm acolhido esta forma condenada pela gramática tradicional: "Trata-se de um filme *que eu assistia*". (C. Lispector); "Dava dinheiro e corrompia para fazer passar de novo e sempre as fitas *que não assistira*". (Autran Dourado)

Luft *apud* Veríssimo (1993) afirma que "a sintaxe é uma questão de uso, não de princípios", Luft, buscando explicitar melhor tal ideia, tece os seguintes comentários:

Não só a sintaxe. A língua toda: semântica, léxico, morfologia, fonologia e fonética - tudo é questão de USO. Vale o que a comunidade dos falantes tacitamente (raro explicitamente) determina que vale. A língua é autodeterminada pelos seus usuários. [...] Se a gente fala (ou escreve) para comunicar algo, o que conta é fazê-lo da forma mais clara possível. Às vezes precisa sacrificar uma correção preconceituosa em benefício da clareza. Isso explica por que brasileiro fala *vi ele* e *lhe vi* em lugar de *vi-o* (cp. *viu*) ou *o vi* (cp. *ouvi*); *vi ela* em vez de *vi-a* (cp. *via*). (p. 17).

Para Coutinho (2004), há uma explicação histórica para que tal fato ocorra na fala. O autor dá a esse fenômeno o nome de analogia. O autor define o termo como o princípio pelo qual a linguagem tende a uniformizar-se, reduzindo as formas irregulares e menos frequentes a outras regulares e mais frequentes. A analogia pode ocorrer em vários segmentos da gramática. No caso da sintaxe, conforme afirma Coutinho, é na regência que acontecem os casos mais comuns. Explica tal ocorrência do seguinte modo: como os verbos transitivos diretos são em quantidade muito maior que os indiretos, há uma tendência do povo em considerar verbos transitivos indiretos como diretos. Como exemplos, cita os seguintes verbos: presidir, assistir,

perdoar, responder, mirar.

Perini (2003) afirma que, no Brasil, existem duas línguas distintas: aquela que se escreve, a qual recebe o nome de "Português"; e aquela que se fala, que nem nome tem. Para o autor é esta última que corresponde à língua dos brasileiros; o "Português", ou seja, a outra língua, tem de ser aprendida na escola, porém isto não ocorre já que, a maioria da população não consegue dominá-la como um todo.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS RESULTADOS DA PESQUISA A RESPEITO DA REGÊNCIA DO VERBO "ASSISTIR" NO SENTIDO DE "VER", "PRESENCIAR"

3.1 Da Amostra

A coleta de dados foi realizada no ano de 2023 em um colégio privado, situado na Cidade Ocidental- Goiás. É uma instituição privada sem fins lucrativos. No momento, atende alunos do Jardim I ao terceiro ano do Ensino Médio, possui cerca de 1000 alunos matriculados, inseridos em um contexto sociocultural diversificado. Há alunos cujos pais estão cursando ou já concluíram o curso superior; outros, que os pais terminaram o Ensino Médio, bem como alguns cujos pais não chegaram a concluir o 9º ano. Quanto ao contexto econômico dos estudantes, deduz-se que cerca de 30% possui ótima situação financeira, os demais, têm um padrão de vida regular.

No que se refere ao grupo de professores pesquisados, 99% deles possui ensino superior completo. Alguns moram em Cidade Ocidental, outros em Valparaíso, Gama, Candangolândia. Grande parte tem dupla jornada de trabalho. Pesquisaram-se professores formados em áreas distintas: Português, Matemática, Biologia/etc. Para a obtenção dos resultados, levaram-se em consideração no grupo, as variáveis sexo, idade e grau de escolaridade.

3.2 Aplicação dos Instrumentos

Para a realização da pesquisa, utilizou-se, inicialmente, a análise de textos escritos produzidos pelos alunos e pelos professores. A seguir, realizou-se a entrevista individual com os alunos e professores, aleatoriamente, escolhidos.

Os instrumentos foram aplicados em momentos e dias distintos. No que diz

respeito aos alunos, a pesquisa escrita deu-se durante as aulas de Português, dentro da própria sala. Inicialmente, o professor explicou alguns aspectos referentes ao trabalho de pesquisa que estava fazendo. Depois, pediu a todos os participantes que produzissem textos ou pequenas frases com o verbo assistir no sentido de "ver", "presenciar", da maneira como o utilizavam na escrita. Depois, aleatoriamente, escolheram-se quatro alunos de cada turma, dois do sexo masculino e dois do sexo feminino, para servirem de informantes para a entrevista oral. Isso ocorreu do lado de fora da sala. Junto aos professores, utilizou-se a mesma técnica.

3.4 Análise de Dados

Neste tópico, são apresentadas as análises dos dados de fala e escrita coletados durante a pesquisa, considerando as variáveis: sexo, faixa etária e grau de escolaridade.

3.4.1 Dados Gerais

Quadro 1 - dados referentes ao sexo

SEXO	TOTAL	APLICARAM	NÃO APLICARAM
M	14/28: 50%	5/14:36%	9/14: 64%
F	14/28: 50%	7/14: 50%	7/14: 50%

Fonte: a própria autora.

No que se refere ao sexo, tem-se o seguinte resultado: das vinte e oito pessoas pesquisadas: quatorze homens e quatorze mulheres, verifica-se que as mulheres utilizam mais a preposição junto ao verbo "assistir" no sentido de "ver", "presenciar", 50% do grupo, enquanto os homens correspondem a apenas 36%.

3.4.2 Dados Coletados na Escrita

Quadro 2 - Dados referentes à escrita

SEXO	TOTAL	APLICARAM	NÃO APLICARAM
M	14/14: 100%	4/14:28,57%	10/14: 71,43%
F	14/14: 100%	5/14: 35,71%	9/14: 64,29%
F	14/28: 50%	7/14: 50%	7/14: 50%

Fonte: a própria autora.

No que se refere aos dados referentes à escrita, afirma-se que as mulheres utilizam mais a preposição com o verbo assistir no sentido de ver, presenciar. Das quatorze entrevistadas, ou seja, 35,71% do total, fazem uso da preposição.

3.4.3 Dados Coletados na Fala

Quadro 3 - Dados referentes à fala

SEXO	TOTAL	APLICARAM	NÃO APLICARAM
M	14/14: 100%	1/14: 7,14%	13/14: 92,86%
F	14/14: 100%	2/14: 14,29%	12/14: 85,71%
F	14/28: 50%	7/14: 50%	7/14: 50%

Fonte: a própria autora.

Quanto aos dados relacionados à fala, as mulheres aplicam mais a regra, ou seja, utilizam mais a preposição junto ao verbo pesquisado aqui.

3.4.4 Dados por Faixa Etária

Quadro 4 - Dados referentes à faixa etária

IDADE	TOTAL	APLICARAM	NÃO APLICARAM
12 a 25	23/28: 82,14%	7/23: 30,43%	16/23: 69,57%
26 a 42	5/28: 17,86%	2/5: 40%	5/5: 60%
F	14/28: 50%	7/14: 50%	7/14: 50%

Fonte: a própria autora.

Levando-se em consideração a faixa etária, sem distinção entre dados de fala e de escrita, verifica-se que as pessoas mais velhas utilizam mais a preposição. Das 28 pessoas pesquisadas, 23 possuem idade inferior a 25 anos, das quais apenas sete, ou seja, 30,43% aplicaram a regra. As outras acima de 25 anos, o que totalizam cinco pessoas, somente duas aplicaram, ou seja, 40%.

3.4.4.1 Dados por Faixa Etária na Escrita

Quadro 5 - Dados referentes à faixa etária - Escrita

IDADE	TOTAL	APLICARAM	NÃO APLICARAM
12 a 25	23/23:100%	7/23:30,43%	16/23: 69,57%
26 a 42	5/5: 100%	1/5: 20%	4/5: 80%
F	14/28: 50%	7/14: 50%	7/14: 50%

Fonte: a própria autora.

Na escrita, das vinte e três pessoas com idade até 25 anos, sete utilizam a preposição, um percentual de 30.43% . Enquanto que cinco pessoas com idade superior a 25 anos, apenas uma utilizou a preposição, evidenciando que as pessoas com menos idade utilizam mais.

3.4.4.2 Dados por Faixa Etária na Fala

Quadro 6 - Dados referentes à faixa etária - Fala

IDADE	TOTAL	APLICARAM	NÃO APLICARAM
12 a 25	23/23: 100%	0/23:0%	23/23: 100%
26 a 42	5/5: 100%	1/5:20%	4/5:80%

Fonte: a própria autora

No que se refere à fala, das 23 pessoas com idade até 25 anos, nenhuma aplicou a regra, o que atingiu um percentual de 0%. Enquanto que cinco pessoas com idade superior a 25 anos, uma utilizou a preposição, o que atinge um percentual de 20%. Isso evidencia que as pessoas com menos idade utilizam mais a preposição. Caso se observe o percentual, a diferença é grande, porém observando-se a quantidade, nota-se que a diferença não é tão grande assim.

3.4.5 Dados por Grau de Escolaridade

Quadro 7 - Dados referentes ao grau de escolaridade

ESCOLARIDADE	TOTAL	APLICARAM	NÃO APLICARAM
ENSINO FUNDAMENTAL	8/28:28,57%	2/8:25%	6/8: 75%
ENSINO MÉDIO	12/28:42,86%	4/12:33,33%	8/12: 66,7%
SUPERIOR	8/28:28,57%	3/8:37,50%	5/8:62,50%

Fonte: a própria autora

Das 28 pessoas pesquisadas que utilizaram a preposição, duas, ou seja, 25 %

são do Ensino Fundamental, quatro ou 33,33% do Ensino Médio e três do Ensino Superior, o que mostra que, quanto maior o grau de escolaridade, mais a regra é aplicada.

3.4.5.1 Dados por Grau de Escolaridade na Escrita

Quadro 8 - Dados referentes ao grau de escolaridade - Escrita

ESCOLARIDADE	TOTAL	APLICARAM	NAO APLICARAM
ENSINO FUNDAMENTAL	8/8: 100%	0/8:0%	8/8: 100%
ENSINO MEDIO	12/12: 100%	1/12:8,33%	11/12:91,67%
SUPERIOR	8/8: 100%	1/8:12,50%	7/8: 87,50%

Fonte: a própria autora

O grau de escolaridade não influenciou nos dados relacionados à escrita, já que todos tiveram praticamente o mesmo nível de aplicação e não aplicação da regra.

3.4.5.2 Dados por Grau de Escolaridade na Fala

Quadro 9 - Dados referentes ao grau de escolaridade - Fala

ESCOLARIDADE	TOTAL	APLICARAM	NÃO APLICARAM
ENSINO FUNDAMENTAL	8/8:100%	2/8:25%	6/8:75%
ENSINO MÉDIO	12/12:100%	3/12:25%%	9/12: 75%
SUPERIOR	8/8:100%	2/8:25%	6/8:75%

Fonte: a própria autora

Quanto aos dados de escolaridade, pouco se aplicou a regra no que refere à fala. Das vinte e oito pessoas pesquisadas, apenas duas do Ensino Fundamental, três do Ensino Médio e duas do Ensino Superior. E, apesar de os informantes utilizarem mais a preposição na escrita, em ambos os casos, a aplicação da regra é quase que inexistente.

3.5 Conclusões a Respeito da Pesquisa

A partir dos dados obtidos acima, conclui-se que uma minoria do grupo

pesquisado realiza o fenômeno da regência do verbo "assistir" no sentido de "ver", "presenciar", ou seja, em sentido geral, todos, estão deixando de lado a preposição e considerando este verbo, tanto na fala, quanto na escrita como transitivo direto. Quem sabe, futuramente a gramática tradicional também venha a aceitar esta forma de se escrever e utilizar tal verbo.

3.5.1 Como Trabalhar essa Questão na Escola?

A pesquisa deixou claro que, mesmo a gramática estabelecendo uma série de regras quanto ao uso da língua, nem sempre isso ocorre, já que há fatores diversos que contribuem para que tal fato ocorra: sociais, culturais, linguísticos. Nesse universo contrastante, o professor de Língua Portuguesa fica sem saber como agir.

Luft (1993, p.31) afirma que grande parte dos professores de Português vivem apegados a programas curriculares que não atendem às especificidades da língua. Muitos deles, de acordo com o articulista, agem dessa forma por vários motivos: formação tradicional, pressão dos pais e da escola. Neste sentido, faz o seguinte comentário:

Em matéria de aulas de linguagem, infelizmente, a escola continua rotineira e bitolada: acúmulo de definições, regras e exceções, classificação de palavras, listagem de anomalias e irregularidades, conjugações inusitada, análises, muita análise sintática. E, naturalmente, crase, a cada semestre mais crase, para saber cada vez menos (ou não é exatamente isso que a experiência mostra?)

Travaglia (2016) enfatiza a importância de o professor de Português, antes de iniciar sua caminhada no ensino dessa disciplina, refletir acerca de o porquê de dar aulas de Português a falantes nativos da língua. O autor afirma que as respostas a essa pergunta podem ocorrer de quatro maneiras: o ensino de Português deve ter por objetivo desenvolver no usuário da língua a capacidade de utilizá-la nas diversas situações de comunicação. Ao se desenvolver a competência comunicativa, desenvolve-se também a competência gramatical ou linguística e a textual. A primeira refere-se ao ato de gerar sequências linguísticas gramaticais. A segunda, a partir de situações de comunicação, faz com que o falante possa produzir e compreender textos considerados bem formados.

A segunda resposta, segundo Travaglia (2016), envolve o domínio da norma culta e o ensino da variedade escrita da língua. O estudioso não discorda desses

objetivos, mas afirma que, tanto a variedade culta quanto a variedade escrita só são usadas em determinados momentos, o que acaba por restringi-los. É mais importante desenvolver a competência comunicativa, assim esses dois itens tornam-se subordinados a ela. Uma outra resposta seria o fato de o professor fazer com que o aluno conheça como se constitui e como funciona sua língua. A quarta e última resposta propõe que o aluno tenha pensamento científico sobre a língua, busque saber o porquê e como ela funciona.

Perini (2003), referindo-se ao estudo de gramática na escola, salienta a importância de se repensar e redefinir os rumos dessa disciplina. Ela deve ser vista, conforme o linguista, não como o caminho para o escrever e o falar bem, já que isto na realidade não ocorre. Deve-se conhecer e estudar gramática para saber mais sobre o mundo e não apenas para utilizá-la como meio para se resolver problemas relacionados à leitura e à escrita. Além disso, ressalta a necessidade de se criar gramáticas que estejam voltadas para a descrição da língua e não com a sua prescrição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada, conclui-se o quanto é difícil compreender toda a problemática que envolve o ensino da língua materna. Sabe-se da diversidade linguística existente no país, do fato de se buscar levar em conta todas as especificidades do ser humano. Mas sabe-se também que há uma gramática tradicional bastante respeitada e exigida pelos pais nas escolas, em concursos públicos e vestibulares e que, mesmo que muitos afirmem o contrário e aceitem outras formas de concepção da língua, o país possui uma cultura vinculada às normas estabelecidas pela gramática tradicional, tanto no que se refere à oralidade, quanto à escrita.

Infere-se, a partir dos dados coletados e analisados, que haverá ainda muitas discussões e debates até que se possa chegar a um resultado satisfatório para ambas as visões. O que se pode ter certeza é que, tanto a oralidade quanto a escrita são necessárias para que o processo de comunicação possa efetuar-se de forma completa. Quem sabe, a longo prazo, a avalanche do uso oral possa se sobrepor ao uso da escrita, já que até mesmo falantes mais letrados acabam, sem perceber,

utilizando-se da linguagem coloquial. Enquanto isso não ocorre, cabe a todos aqueles que se dedicam a estudos ligados à língua buscarem meios capazes de tornar o seu aprendizado prazeroso, maleável e, acima de tudo, não discriminatório .

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** 56ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa.** 39. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2017.

CEGALLA, D. P.. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa.** 49. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2020.

CIPRO NETO, P.; INFANTE, U. **Gramática da Língua Portuguesa.** 2. ed. São Paulo: Scipione, 2004.

COUTINHO, I. de L.. **Pontos de Gramática Histórica: Linguística e Filologia.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa.** 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, C. & CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo.** 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

LUFT, C. P. **Língua e Liberdade.** São Paulo: Ática, 1993.

LUFT, C. P. **Dicionário Prático de Regência Verbal.** São Paulo: Ática, 1999.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V.. **Novo Manual de Sintaxe.** Florianópolis: Insular, 2004.

ILARI, R.. **A Língua e o Ensino da Língua Portuguesa.** São Paulo: Martins Fontes, 1985. Gap:-5: Linguística e ensino da língua.

PERINI, M. A. **Gramática Descritiva do Português.** São Paulo: Ática, 2016.

PERINI, M.A Sofrendo a Gramática: **Ensaio Sobre a Linguagem.** 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.

ROCHA L., C. H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa.** 40. ed. São Paulo: José Olympio Editora, 2001.

SABINO, M.. **Entrevista:** Língua enrolada- Revista Veja e Pasquale. Disponível em: <https://armazemdetexto.blogspot.com/2019/01/entrevistalingua-enrolada-revista-veja.html>. Acesso em: 19 de maio de 2024.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e Interação:** uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º grau. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

APÊNDICE

EXEMPLO	F	E	Ø	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE
"Eu geralmente assisto filmes de ação e ficção."	X		Ø	M	13	7ª SÉRIE
"Eu gosto de assistir filmes de terror."		X	Ø	M	13	7ª SÉRIE
"Eu assisti um teatro maravilhoso."		X	Ø	M	12	7ª SÉRIE
"Quero assistir uma cena de beijo."	X		Ø	M	12	7ª SÉRIE
"Assisti ao discurso do prefeito ontem."		X	1	F	14	7ª SÉRIE
"Gostaria de assistir um espetáculo circense."		X	Ø	F	14	7ª SÉRIE
"Meu avô gosta de ficar assistindo filmes pornôis."	X		Ø	F	12	7ª SÉRIE
"Para que assistir corruptos na TV?"		X	Ø	F	12	7ª SÉRIE
"Gosto muito de assistir filmes de ação."	X			M	15	8ª SÉRIE
"Gosto de assistir a aula da professora Cirlene."		X		M	15	8ª SÉRIE
"Eu assisti um acidente de carro quando eu era bem pequena."	X		Ø	F	13	8ª SÉRIE
"Fiquei muito chocada quando assisti a briga de meus pais." "Eu costumo assistir filmes de comédia e ação."		X	Ø	F	13	8ª SÉRIE
"Eu assisti meu colega beijando a namorada dele."	X		Ø	M	16	8ª SÉRIE
"Eu assisti uma matéria no Fantástico que retratava a vida africanos."	X		Ø	M	13	8ª SÉRIE
"Assisti a um colega apanhando na rua."		X	1	M	13	8ª SÉRIE
"Eu já assisti a inúmeras brigas na cidade."	X		1	M	15	1º ANO
"Eu assisto ao programa da Câmara."		X	1	M	15	1º ANO
"Já assisti festas em que ocorreram várias brigas."	X		Ø	F	15	1º ANO
"Não devemos assistir à violência, devemos propagar."		X	1	F	15	1º ANO
"Eu assisto essa paisagem todos os dias."	X		Ø	M	14	1º ANO
"Quando eu assisti o filme		X	Ø	M	14	1º ANO

Olga, me emocionei.						
"Eu gosto de assistir filmes românticos."	X		Ø	F	15	1º ANO
"Muitos foram ao cinema e assistiram Tróia."		X	Ø	F	15	1º ANO
"Essa semana comecei assistir o filme Olga."	X		Ø	M	17	2º ANO
"Ontem assisti um filme sobre problemas raciais."		X	Ø	M	17	2º ANO
"Eu assisti a morte da minha prima."		X	Ø	F	15	2º ANO
"Assisto filmes de ação."	X		Ø	F	15	2º ANO
"Minha mãe e eu assistimos um bom filme."		X	Ø	F	15	2º ANO
"Nunca assisti nenhuma briga na escola."	X		Ø	F	15	2º ANO
"Gosto muito de assistir filmes de comédia."	X		Ø	M	15	2º ANO
"Meu colega assistiu ao jogo."		X	Ø	M	15	2º ANO
"Eu assisti um cara matando o outro."	X		Ø	M	16	3º ANO
"Eu assisti ao jogo da seleção."	X		1	M	16	3º ANO
"Eu assisti pela televisão o sequestro do ônibus."		X	Ø	M	17	3º ANO
"Assisti ao show do Bruno e Marrone."	X		Ø	M	17	3º ANO
"Eu assisti o filme As Branquelas."	X		Ø	F	16	3º ANO
"Assisti muitas discussões entre meus pais."		X	Ø	F	16	3º ANO
"Maria assistiu o enterro do amigo."			Ø	F	17	3º ANO
"Já assisti cenas horríveis em Brasília."			Ø	F	17	3º ANO
"Gostei de assistir ao filme Olga."	X		1	F	38	SUPERIOR
"Assisti a um assalto e fiquei chocada."		X	1	F	38	SUPERIOR
"Eu assisti a um belo espetáculo."		X	1	F	20	SUPERIOR
"Assisti ao show do Edson e Hudson."	X		1	F	20	SUPERIOR
"Eu assisti ao filme ontem."		X	1	F	27	SUPERIOR
"Assistimos o programa do Jô."	X		Ø	F	27	SUPERIOR
"Ontem assisti uma partida de futebol."		X	Ø	M	42	SUPERIOR
"Eu assisti um excelente seminário de Botânica."		X	Ø	F	40	SUPERIOR
"Assisti o teatro do Colégio Santo Antônio."	X		Ø	F	40	SUPERIOR
"Gosto de assistir jogos pela TV."	X		Ø	M	42	SUPERIOR
"Crianças gostam de assistir desenho."	X		Ø	M	20	SUPERIOR
"Assisti o show dos Titãs."			Ø	M	20	SUPERIOR
"Gostei de assistir o filme "Colcha de Retalhos."			Ø	F	39	SUPERIOR
"Sempre que assisto novelas me emociono."	X		Ø	F	39	SUPERIOR
"As meninas gostam de assistir		X	Ø	M	25	SUPERIOR

filmes de dinossauros."						
"Ficamos assistindo teatro em Valparaíso."	X		Ø	M	25	SUPERIOR

Legenda

F: Dados de Fala

E: Dados de Escrita

1: Aplicou a Regra (USOU A PREPOSIÇÃO)

0: Não aplicou a regra (não utilizou a preposição)

M: Masculino

F: Feminino